

# SEMANA RELIGIOSA

## BRACARENSE

LITTERARIA E NOTICIOSA

Sexta feira 18 de Abril de 1879

IV VOL. N.º 204.



**BRAGA:**

TYPOGRAPHIA LUSITANA

Rua Nova n.º 4

1879

Tendo em consideração que o jornal intitulado *A Semana Religiosa Bracarense* é principalmente destinado a interessar o clero d'este Arcebispado no movimento ecclesiastico, que n'elle possa haver ; e que por meio do mesmo jornal as Nossas Pastoraes, Provisões d'interesse geral e quaesquer outras medidas governativas, que Nos seja necessario tomar, podem chegar mais facilmente ao conhecimento tanto do clero como dos fieis, e que muito convém á disciplina ecclesiastica d'esta vastissima Archidioeces Primacial ; Havemos por bem ordenar que os documentos publicados no mesmo jornal, e que forem por Nós assignados, sejam reputados como verdadeiros e authenticos, para todos os seus effeitos. .

Residencia no Seminario de S. Pedro, 22 de Maio de 1875.

João, Arcebispo Primaz.

# A SEMANA RELIGIOSA BRACARENSE.

Achando-se Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia, gravemente enferma, e sendo dever christão e costume portuguez pedir a Deus Nosso Senhor pela saude dos Nossos Imperantes ;

Havemos por bem ordenar que em a Nossa Sé Cathedral e em todas as Igrejas d'esta cidade e Arcebisado, onde o conhecimento d'esta Nossa Portaria chegar, por tres dias immediatos á sua chegada se façam preces publicas na fórma do estylo, cantando-se o Salmo 20—*Domine in virtute tua*, com os versiculos e orações—*pro salute Reginæ*.

Paço de Braga, 13 de Abril de 1879.

João, Arcebispo Primaz.

## SUBSIDIO PARA O SOBERANO PONTIFICE.

*Lista dos subscriptores e respectivas quantias para o fim supradito:*

|                     |            |                      |                   |
|---------------------|------------|----------------------|-------------------|
| Transporte. . . . . | 5:770\$830 | } remettido. . . . . | 4:767\$715 réis   |
|                     |            |                      | em caixa. . . . . |

*Relação das quantias que entraram na thesouraria do Dinheiro de S. Pedro, em Braga, depois da primeira remessa*

|   |                      |              |
|---|----------------------|--------------|
| Um anonymo. . . . .   | 6\$000               | »            |
| Freguezia de Caminha, o revd. <sup>o</sup> Reitor. . . . .                          | 1\$150               | »            |
| Revd. <sup>o</sup> Francisco Lourenço Cardoso. . . . .                              | \$500                | »            |
| As Religiosas de Santa Clara. . . . .   | 2\$750               | »            |
| Exc. <sup>mo</sup> Commendador José Maria de Sousa Rego. . . . .                    | 4\$500               | »            |
| Revd. <sup>o</sup> Antonio, da Virgem Maria. . . . .                                | 1\$000               | »            |
| Exc. <sup>ma</sup> Snr. <sup>a</sup> D. Josefa de Sousa Rego, e suas manas. . . . . | \$500                | »            |
| D. Luiz Teixeira. . . . .   | 1\$000               | »            |
| João Antonio Alves. . . . .   | \$500                | »            |
| Outros da mesma freguezia. . . . .  | 1\$300               | »            |
| Freguezia de Fareja, arcyprestado de Guimarães. . . . .                             | 3\$040               | »            |
| Padre Manoel Maria Canijo, do arcyprestado de Moncorvo. . . . .                     | \$500                | »            |
| Seus freguezes . . . . .  | 1\$750               | »            |
|   |                      |              |
|   | Somma em caixa.      | 1:027\$605 » |
|   | Somma total. . . . . | 5:795\$320 » |

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A Semana Santa na Cathedral de Braga.

Uma das solemnidades mais augustas e imponentes do culto religioso da Igreja Catholica é por sem duvida alguma a da Semana Santa.

E realmente assim devia ser; porque, commemorando a amarguradissima paixão de Christo nosso Salvador e a mysteriosa redempção do genero humano operada por Elle, a Santa Igreja n'estes dias luctuosos pranteia as angustias e os soffrimentos do Homem-Deus, que livremente se votou á morte para nos dar a vida, e soffreu o mais penoso dos martyrios para nos abrir as portas da mais radiante e suprema das felicidades!

Quem não sentirá em seu coração o mais puro amor e a mais profunda gratidão a Jesus Christo, que, sendo verdadeiro Deus, se humilhou até á cruz, sómente pelo grande affecto, que Elle nos tem? quem não sentirá dilacerante remorso, verdadeira compunção e intima dôr, ao pensar nos nossos desvarios, nos nossos crimes e nos attentados, que cada dia commettemos contra o melhor dos Paes, contra Aquelle que ainda hoje com os nossos peccados crucificamos em todos os instantes da nossa existencia?

Pois não é com o coração contricto e humilhado, que nós gosamos das benevolencias da graça divina? pois não é a rigorosa observancia dos suaves preceitos do Divino Mestre e da sua Santa Igreja, que nos traz a paz do espirito, a felicidade temporal e uma solida esperanza de irmos gosar ante o throno de Deus da gloria beatifica?

Porque então não nos havemos de aproveitar dos meios segurissimos de salvação, que a Igreja, Mãe carinhosa, nos dá alim de se completar a nossa sincera reconciliação com Deus? porque, fugindo aos tumultos do tempo, não observamos submissamente os conselhos e as leis da Santa Igreja para entrarmos tranquilos nas silenciosas regiões da eternidade, onde as importunas vozes do mundo não vão perturbar a nossa felicidade?!

Ora para nos mover a uma vida verdadeiramente christã, sinceramente piedosa e eternamente feliz é que a Santa Igreja Catholica tem estabelecido as praticas respeitaveis, os actos augustos e as solemnidades enternecedoras da Semana Santa.

E com effeito a magestade do templo, que nos attrahe, a nudez dos altares, que nos commove, a gravidade e a compostura dos fieis, que nos fortalece, a pompa das ceremonias e a sublimidade dos mysterios, que nos confundem, a suavidade e tristeza do canto e a amenidade da musica, que nos arrebatam, tudo concorre para abrandar o endurecimento do nosso coração, illuminar a cegueira da nossa alma, emendar os nossos erros e peccados e ferir-nos de uma verdadeira dôr e de uma sincera contricção!

N'este sagrado tempo de penitencia, n'estas horas solemnes, em que a Igreja commemora a paixão do Salvador e pranteia os crimes dos homens, o gelo da descrença funde-se com a ardencia da préce, a luz da fé aviva-se e resplandece com as lacrimosas lamentações e plangentes

canticos d'este tempo, e a nossa alma enleva-se com as melodiosas vibrações da musica e com o magestoso apparatus d'esta augusta solemnidade, até ao céu, onde nos aguarda a eterna bem-aventurança !

O pequeno espaço, de que podemos dispôr, não nos permite alargar mais as altas considerações sobre os augustos mysterios d'esta luctuosa semana; limitar-nos-hêmos apenas a deixar consignadas aqui as gratissimas impressões, que nos deixou esta festividade, celebrada na Cathedral d'esta cidade, sempre com o maior decóro e com a mais brilhante magestade.

DOMINGO DE RAMOS. Commemóra este dia a gloriosa entrada de Jesus Christo em Jerusalem alguns dias antes da sua paixão. E' muito remota a solemnidade commemorativa d'este dia. O Veneravel Béda (671-735) é o primeiro no Occidente, que faz menção d'esta festividade. Este domingo tem a particularidade de se fazer n'elle a benção das palmas e a procissão dos ramos, e de se lêr a Paixão na Missa.

A benção dos ramos e das palmas é citada no *Comes Hieronymi*, n'alguns manuscriptos do Sacramentario gregoriano e no *Ordo Romanus Vulgatus* etc.

A procissão dos ramos, que tambem está em uso entre os gregos, é mencionada por Santo Epiphanio; e no Occidente ha questão se ella foi ou não introduzida mais tarde, que no oriente. O Bispo de Westsex, fallecido em 709, chama-lhe uma *fésta tradicional*. Esta procissão dos ramos tem por fim immediato dar a Christo testemunho do respeito, que lhe mostraram outr'ora os judeus, quando fez a sua entrada triumphante em Jerusalem.

Diz a Sagrada Escripura que «as turbas estendiam no caminho, por onde Jesus passava, as capas e os vestidos, cortavam ramos das arvores e os espalhavam nas ruas, exclamando: *louvores ao filho de David ! bendito seja Elle, que vêm em nome do Senhor !*»

E' por este motivo, que os fieis, trazendo palmas e ramos na mão, se encorporam na procissão solemne e os ministros da Igreja cantam louvores a Christo, nosso Rei e nosso Salvador: *gloria, laus et honor tibi, Rex Christe Redemptor* etc.

Esta procissão é uma homênagem prestada á divindade de Christo, e a Igreja, no seu amor maternal, deseja que todos, que tomam parte n'esta manifestação piedosa, o façam em espirito e verdade; e é por este motivo que o Sacerdote, que faz a benção dos ramos, canta antes da procissão a oração: *Praesta ut quod populus tuus in tui venerationem hodierna die corporaliter agit, hoc spiritualiter summa devotione perficiat, de hoste victoriam reportando et opus misericordiae summpere diligendo.*

O Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Senhor Arcebispo Primaz, pelas 10 horas da manhã d'este dia, deu entrada na Sé Cathedral, onde o esperavam o Revd.<sup>mo</sup> Cabido e outros Ecclesiasticos. O templo estava cheio de fieis, que assistiram respeitosa e piedosamente a esta imponente festividade. O Exc.<sup>mo</sup> Prelado dirigio-se á capella do Sacramento, onde fez breve oração e d'alli encaminhou-se para a capella-mór. Revestio-se então para fazer a benção das palmas e dos ramos.

Acolytaram S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> n'este acto religioso os Revd.<sup>os</sup> Conegos Martins e Figueiredo. Cantada por elles a Epistola e o Evangelho proprios do acto, o Exc.<sup>mo</sup> Prelado cantou o Prefacio e as orações prescriptas, e concluida a benção, fez-se a distribuição das palmas. Depois formou-se a procissão, que seguiu em volta dos claustros, entrando outra vez na Igreja pela nave central.

Concluida a procissão, houve Missa solemne de circulo, cantada pelo Revd.<sup>mo</sup> Deão.

Em seguida á Missa cantou-se *sexta*, retirando-se no fim d'ella o Exc.<sup>mo</sup> Prelado para o Paço Archiepiscopal á uma hora da tarde.

QUARTA FEIRA DE TREVAS. As matinas e laudes do dia seguinte são cantadas no dia de hoje. Começam sem *invitatorio* e sem *hymno* pela antiphona do 1.<sup>o</sup> Psalmo; as licções do 4.<sup>o</sup> nocturno são tiradas das Lamentações de Jeremias, as do 2.<sup>o</sup> dos Santos Padres e as do 3.<sup>o</sup> das Epistolas; não têm benção, nem evangelho, nem homilia. O altar está sem ornatos, os castiçoes têm velas de cêra amarella; ao lado do côro está um triangulo equilatero com 14 velas tambem de cera amarella, e a 15.<sup>a</sup> de cera branca occupa o vertice do mesmo triangulo.

Durante o officio apaga-se successivamente cada uma das velas no fim de cada psalmo de matinas e de laudes: o que significa, diz Amaury, que a nossa alegria vae diminuindo á medida que se aproxima a morte de Christo; ou, segundo Torrequeimada, é o symbolo da traição de judas e da fuga e desaparecimento dos Apostolos, em seguida á prisão de Jesus e á negação de Pedro.

Apagadas todas as velas amarellas do triangulo, colloca-se a do vertice do mesmo por detraz do altar depois do cantico *Benedictus*, e só depois do *Miserere* e da oração do dia é que torna a collocar-se no seu respectivo lugar.

Este cirio representa Christo, que permanece firme enquanto todos os apóstolos fogem, cuja divindade se cobre de profundas trevas durante os acontecimentos, que precedem a sua morte, mas reaparece com a maxima prefulgencia no meio das formidaveis maravilhas, que assignalam o momento, em que elle expira.

N'este dia teve lugar, na forma do que fica indicado, o officio de Trevas a baixos e o *Miserere* a grande instrumental.

QUINTA FEIRA SANTA. A' proporção que nos vamos aproximando do dia da morte de Christo, d'esse acontecimento singular que enluctou a natureza e confundio o mundo, os mysterios ineffaveis d'esta insigne semana de indulgencias vão nos edificando cada vez mais no firme proposito de emenda da nossa vida, e sensibilizando-nos até ás lagrimas; porque as suas ceremonias são cada vez mais imponentes, os seus officios mais magestosos e as suas solemnidades mais augustas!

A austera seriedade d'estes actos, o profundo respeito, que se observa n'estas ceremonias, as incessantes mortificações d'este santo tempo e o permanente e rigoroso luto, que reveste estas solemnidades, imprimem em nossa alma uma indefenivel tristeza, acompanhada de uma sincera dôr dos nossos peccados!

A festividade d'este dia de *quinta feira santa*, ou *dies viridium*,

data dos tempos mais remotos. S. Chrysostomo fez algumas homilias sobre esta solemnidade. O concilio de Carthago, celebrado em 397, faz menção d'esta festividade, observada havia muito tempo, pelo menos, em Africa; e nas liturgias mozarabica, gothica e gauleza ha uma Missa propria d'este dia.

A liturgia de quinta feira versa sobre a *Missa, benção dos santos oleos, transferencia do S. Sacramento, lava-pedes e officio do côro.*

A Missa diz-se com paramentos brancos; omitta-se o *Psalmo Judica* e entõa-se o *Gloria* e repicam-se os sinos, como ultimo signal d'alegria até á *alleluia* do sabbado santo. A *sanctus*, á elevação e ao *Domine non sum dignus* e durante a transferencia do S. Sacramento do tabernaculo para o tumulo, dá-se o signal ordinario de adoração com a matraca. Segundo um Decreto da S. C. dos Ritos de 27 de setembro de 1608 e um rescripto do SS. Padre Clemente XI de 15 de março de 1712, sómente se deve celebrar uma unica Missa em cada Igreja n'este dia, e os padres, que assistem á Missa, devem commungar das mãos do officiante, para representar a Cêa, em que Christo se deu como verdadeira comida aos Apostolos. O celebrante consagra tambem, além da Sagrada hostia da Missa, uma segunda para sexta feira, em que não ha consagração, nem sacrificio.

Durante a Missa tem logar a imponente cerimonia da *sagração dos santos oleos*, feita pelo Exc.<sup>mo</sup> Prelado e doze presbyteros por elle escolhidos, procedendo primeiro aos exorcismos e depois á sagração, segundo o Ritual, havendo por fim a adoração dos mesmos santos oleos, cantando as palavras *ave sanctum chrisma, ave sanctum oleum!*

A *transferencia do S. Sacramento* é festa para um logar previamente preparado para O receber, que deve ser ornado de flores e brilhantemente illuminado, cantando o côro na procissão o hymno de Santo Thomaz d'Aquino *Pange lingua.*

O *lava-pés* é uma piedosa manifestação da extremada caridade, tão recommendada no catholicismo, e da humildade, tão aconselhada no Evangelho. Em certas Igrejas reputava-se esta cerimonia tão santa, que se julgava estar em necessaria e intima relação com a solemnidade da Cêa. O 17.<sup>o</sup> synodo de Toledo excluia da sagrada communhão aquelles, que recusassem lavar ou deixar lavar os pés na quinta feira santa.

No *officio do côro* segue-se a mesma ordem que no dia antecedente.

N'este dia, de cujas solemnidades nos temos occupado, o Exc.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo pelas 9 horas da manhã dirigio-se, acompanhado do Cabido, á Sé. Logo que alli chegou, encaminhou-se á capella do Sacramento onde fez as suas orações, na forma do estylo, indo depois á capella de S. Geraldo, onde se cantou *nôa*, e, revestindo-se no fim d'ella para celebrar de Pontifical, seguiu processionalmente debaixo do pallio pelos claustros e pela nave central da Igreja para o altar da capella-mór, começando logo a Missa. Commungaram das mãos de S. Exc.<sup>a</sup> os capitulares e mais ecclesiasticos, que se achavam na capella-mór.

Em seguida fez a benção dos santos oleos, conforme o Ritual; e no fim da benção voltou ao altar para fazer a transferencia do Santissimo para o throno da capella chamada do Sacramento. Acabado o Pon-

tifical cantaram-se vesperas, no fim das quaes regressou ao Paço Archiepiscopal acompanhado do cabido e dos 12 presbyteros, que se tinham empregado na benção dos santos oleos.

No Paço deu o Exc.<sup>mo</sup> Prelado áquelles presbyteros um excellente jantar, servindo elle mesmo a primeira coberta.

Pelas 4 horas da tarde veio o cabido esperar S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> no Paço para o acompanhar á Sé. Revestidos o Prelado e os conegos Martins e Figueiredo, que já haviam acolytado no Pontifical, o Revd.<sup>o</sup> Conego Martins cantou o Evangelho do dia, que é do cap. XIII de S. João. No fim do Evangelho o Prelado osculou o livro, depoz a capa rôxa e cingio-se de uma toalha de linho, e veio aos 12 presbyteros, que tinham assistido á sagração dos santos oleos, ajoelhou diante de cada um d'elles, a exemplo do Salvador, lavou-lhes o pé direito n'uma bacia, que o sub-Diacono ministrava e com a toalha que lhe offerencia o Diacono enxugou-lhes o pé e beijou-o. Enquanto fez successivamente a cada um dos 12 presbyteros a mesma operação, o coro cantou *mandatum novum do vobis*, ao qual se juntaram antiphonas e versiculos d'alguns Psalmos.

Acabada esta cerimonia grandiosa e sublime de caridade, subio ao pulpito o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Primaz, que tomou para thema do seu sermão as palavras do Evangelho do dia: *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita et vos faciatis*.

Minguam-nos as forças, desfallece-nos o espirito e fogem-nos as expressões para consignar aqui bem vivas e immorredouras as impressões agradaveis, que nos deixou, e a todo o auditorio, o eloquentissimo discurso do Exc.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo, que durou sincoenta minutos.

Foi certamente uma famosa oração, em que S. Exc.<sup>a</sup> se propoz com toda a valentia da sua dialectica, com toda a pujança do seu ardentissimo zelo pela salvação de seus subditos e com toda a facundia da sua aprimorada linguagem combater o orgulho, esse mal endemico de todos os tempos e principalmente da epocha actual, que corroe, gangrena e fere de morte a sociedade.

Analysou o Exc.<sup>mo</sup> Prelado o coração do homem, retalhando-o com o escalpello da sua fina critica, e demonstrou á luz da evidencia, que todos os homens, quer habitem em pobres choupanas ou em ricos palacios, possuem a aspiração constante e insaciavel de primazia, de superioridade sobre os outros homens: o orgulho, n'uma palavra, que é a fonte perenne de todas as desordens, de todos os vicios e de todos os crimes da humanidade.

Mas não bastava apontar o mal; era necessario procurar-lhe o remedio e preparar um salutar antidoto capaz de combater este veneno, que atrophia e mata lentamente a sociedade.

Foi a humildade, que o Exc.<sup>mo</sup> Prelado indicou como meio efficaz para cortar pela raiz aquelle canero; foi a humildade christã, o manancial de todas as virtudes e a base de toda a felicidade, que Elle recommendou para oppor ao vicio execrandò do orgulho.

E no desenvolvimento natural e logico d'este ponto do seu discurso, foi admiravel e sublimemente eloquente, chegando-nos a arrebatat quasi até ás lagrimas!

«O orgulho, disse S. Exc.<sup>a</sup>, induz a subir sem meritos proprios,



a humildade convida-nos a descer sem offensa da nossa dignidade».

E não é este um facto, que a experiencia de todos os dias nos está mostrando ?

Procurae nas dissidias, que separam os homens, nas malquerenças, que os perturbam, nos odios, que os cegam; e no fim de tudo encontrareis lá bem no fundo do seu coração a vasa impura e fetida do orgulho !

Mas se a humildade retemperar esta paixão; se a humildade christã, cujo solemne exemplo nos deu no dia de hoje Jesus Christo, que no dizer do Exc.<sup>mo</sup> Prelado, «habitando no polo do infinito e tendo por escabéllo as myriadas de estrellas e de mundos, que giram com regularidade assombrosa dentro do limites das suas orbitas, desceu até lavar os pés dos seus discipulos», vier apagar as calcinantes lavas do orgulho, os homens, por diversas que sejam as suas condições, amar-se-hão uns aos outros com aquelle mesmo amor, que Christo amou os seus discipulos. *Quemádmódum ego feci vobis, ita et vos facialis.*

Bem haja o Exc.<sup>mo</sup> Prelado ! E' assim que Elle promove a instrução, a moralidade e a salvação das suas ovelhas !

Que admiravel fé e que inabalavel coragem a sua, que, para em tudo ser o Primaz, o levam ao pulpito, onde infelizmente nem sempre se ouve a voz auctorisada, a convicção profunda e o famoso exemplo, que, vindo de tão alto, a todos fortalece, a todos alegra e a todos felicita !

Acabado o sermão, ao qual assistiram perto de seis mil pessoas, S. Exc.<sup>a</sup> dirigio-se á capella-mór, começando o officio, sendo a canto-chão, e os responsorios e *Miserere* a grande instrumental, que terminou ás 9 horas da noite.

No fim do officio, retirou-se o Exc.<sup>mo</sup> Prelado á sua residencia.

**SEXTA FEIRA SANTA, OU PARASCEVE.** E' este um dia de profunda dôr e de amargosas lagrimas para a Igreja Catholica; porque, ainda que a morte de nosso Senhor seja o facto principal da sua vida de inteira abnegação, o ponto culminante da sua prompta obediencia e o eixo em volta do qual se move o destino da humanidade, não pôde comtudo chamar-se a esta morte o termo da redempção, pois que não faz sobresahir nem a gloria do Filho do Homem, nem a victoria sobre o peccado.

Ora é por estas breves considerações, que a Igreja, desde a mais remota antiguidade, têm celebrado este dia, revestindo-se do negro manto do luto, no meio de um silencio profundo, usando de austeros jejuns e das mais graves ceremonias. Constantino Magno, segundo refere Eusebio, prohibiu expressamente, que os tribunaes funcionassem n'este dia, que houvesse feiras ou mercados, etc.

Os ministros da Igreja revestem-se para esta solemnidade de paramentos pretos, prostram-se, meditando na morte do Salvador, e preparam-se para celebrar tristemente a memoria solemne d'este pasmoso acontecimento. Não se accendem vélas, não se ouvem alegres canticos, nem os sons do orgão, não se queima insenso; reina apenas no escuro templo um triste e solemne silencio. O espirito reconcentra-se, a alma medita sobre os augustos mysterios, que se celebram no meio da mais pomposa magestade e grandeza.

O celebrante começa o officio do dia pelo canto da 1.<sup>a</sup> prophacia

(Oseas VI), á qual succedem uma oração e uma lição. Acabada a lição, canta-se o Tracto (Ps. 139) e a Paixão referida no Evangelho de S. João. Depois de cantada a Paixão, o celebrante ora solemnemente pela Igreja, pelo Papa, Prelados e Sacerdotes e por todos os demais ecclesiasticos, pelo rei, pelos catechumenos, pelas christandades, hereticos, scismaticos, judeus e pagãos. O Prelado ou celebrante convida em tom de prefacio todos os fieis a unir-se ás suas piedosas orações.

A Igreja, conquanto proclame que fóra d'ella não ha salvação, e condemne toda a tolerancia dogmatica, manifesta comtudo nas suas orações o seu extremoso amor maternal e a sua grande caridade para com todos os homens, e o sincero desejo que ella tem de os chamar a si; seguindo o exemplo de Jesus Christo, seu fundador, que n'este dia, cuja solemnidade ella celebra, estendendo os braços sobre a Cruz, em que foi cruelmente pregado, chama e attrahe a si a humanidade inteira para a salvar.

Depois d'estas orações segue-se o descobrimento da cruz e a sua adoração, cantando o officiante *ecce lignum crucis*, ao que responde o côro *in quo salus mundi pependit*; e, collocada a cruz sobre um cobertor de seda ou damasco, vão o Prelado, o celebrante, os ecclesiasticos e os fieis beijar as chagas de Christo, que está na mesma cruz. Durante esta cerimonia canta o côro os *Impropéria*.

Este rito é da mais alta antiguidade, remonta, pelo menos, ao seculo V, e representa, segundo alguns interpretes, a sepultura de Christo dada por José d'Arimathea e Nicodemus.

Depois da adoração da cruz, o côro vae processionalmente, cantando o hymno *Vexillae regis prodeunt*, buscar o SS. Sacramento ao tumulo, sacrario ou throno, onde elle foi collocado no dia antecedente; e em seguida começa a Missa dos *presantificados*, assim chamada, porque o S. Sacramento não é consagrado durante esta Missa e o officiante consome no dia de hoje a hostia consagrada na vespera. No rito bracarense, porém, não se canta o hymno *Vexillae*, mas *Hoc corpus*.

N'algumas dioceses d'Allemanha e na Cathedral d'esta Diocese de Braga, o celebrante, depois da Missa dos presantificados, colloca no ostensorio uma terceira hostia consagrada tambem na quinta feira santa, o qual é encerrado n'um tumulo, que é transportado processionalmente, no meio da mais solemne tristeza ao throno, que está illuminado n'uma capella toda forrada de preto, e alli fica exposto á adoração dos fieis até ao dia de Paschoa.

No dia de hoje, *sexta feira santa*, do mesmo modo que no dia de hontem foi o Revd.<sup>mo</sup> Cabido ao Paço para acompanhar S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> á Cathedral pelas 9 horas da manhã. Na Sé, depois de feitas as orações costumadas, dirigiram-se á capella-mór.

Começou então o officio e a Missa dos presantificados, pela forma que fica dito em a noticia liturgica d'este dia.

Celebrou o Revd.<sup>mo</sup> Deão, D. Manoel Martins Alves Novaes.

Quasi no fim da Missa, segundo o rito bracarense, cantaram-se *vesperas* de joelhos; e, terminadas ellas, foi encerrado n'um tumulo uma terceira hostia consagrada na vespera, que foi condusido processionalmente á capella de S. Pedro de Rates, que se achava forrada de crepes.

E' este acto imponentissimo! Todos os que vão n'esta procissão *de enterro* levam as cabeças veladas, em signal de dôr e de profunda tristeza. O Exc.<sup>mo</sup> Prelado seguia apoz o tumulo, com o manto estendido e a cabeça coberta com o capêllo do mesmo manto.

Depositado o tumulo no throno da mencionada capella, prostram-se todos.

No fim d'esta cerimonia, que terminou á meia hora depois do meio dia, o Prelado regressou ao Paço, na forma antecedente.

A's 4 horas da tarde começou o officio, da mesma maneira que nos dias antecedentes.

No fim do *Miserere* subio ao pulpito o Revd.<sup>o</sup> Porphyrio Antonio da Silva, familiar de S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup>, prégando da *soledade* da Virgem.

Tomando para thema as palavras de S. Paulo: *Patior, sed non confundor*, dissertou sobre os soffrimentos e amarguras da Mãe de Deus e sobre a sua heroica resignação em frente dos crueis tormentos de seu Unigenito Filho.

Foi realmente eloquente este seu discurso, que agradou sobremaneira ao piedoso e numerozo auditorio, que o escutou com a maior benevolencia.

Auguramos um futuro brilhante ao novel orador, que tantas provas tem dado de seu alevantado talento.

SABBADO SANTO, OU D'ALLELUIA. A primeira cerimonia d'este dia é a *benção do fogo novo*, que tem logar á porta da Igreja, e durante a qual o celebrante pede a Deus que se digne enviar ao coração dos fieis a luz e a graça do Espirito Santo, para os esclarecer como este fogo vae illuminar a Igreja sem interrupção, de dia e noite. Depois bense igualmente á porta da Igreja os *cinco grãos d'incenso*, que representam as cinco Chagas do Salvador.

Com o fogo novo accende-se uma vela; o diacono canta em trez tons, elevando a voz; *lumen Christi*, ao que se responde pela mesma forma *Deo gratias*.

Os cinco grãos d'incenso são pregados no cirio paschal, que se accende então, assim como tambem as outras velas e lampadas da Igreja; e depois das prophcias e da *benção das fontes baptismaes*, o sacerdote celebra a Missa do dia. Depois dos *Kyries*, entôa solememente a *Gloria*, repicam-se os sinos; e depois da Epistola, no principio do gradual, o celebrante canta tres vezes, elevando a voz *Alleluia*.

Foi celebrante n'esta festividade o Revd.<sup>mo</sup> Conego Martins. A Sé achava-se cheia de fieis. Os actos religiosos correram com todo o apparato digno dos altos mysterios, que representam.

A's 10 horas e meia os sinos das torres da Cathedral deram signal de que tinha sido cantada a *Alleluia*.

DOMINGO DE PASCHOA. Pelas 10 horas da manhã entrou S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> na Sé Cathedral pela porta principal. Feitas as orações do estylo, paramentou-se na capella de S. Geraldo e formou-se a procissão com o Santissimo Sacramento, que estava encerrado no tumulo desde sexta feira santa na capella de S. Pedro de Rates exposto ás venerações dos fieis. Terminada a procissão, o Exc.<sup>mo</sup> Prelado depoz a capa, tomou as tunicas

e a casula, e celebrou de Pontifical. No fim d'elle foi lido o breve, pelo qual o SS. Padre Pio IX, de saudosissima memoria, concedeu a S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> faculdade de dar a Benção Apostolica.

Em seguida o Exc.<sup>mo</sup> Prelado, com a effusão do seu bondoso coração e verdadeiramente commovido, deu aquella Benção solemnisssima.

Tencionavamos terminar este artigo com mais algumas breves considerações sobre as festividades d'esta semana, mais vemo-nos forçados a ficar por aqui, por falta de espaço.

Oxalá que as impressões d'estes augustissimos mysterios, que a Santa Igreja acaba de celebrar, fiquem vivamente gravadas na alma de todos os peccadores, afim de que fujam do peccado, pratiquem a virtude e assegurem a sua salvação eterna, que do coração lhes desejamos.

Braga, 13 de abril de 1879.

### O novo seminario bracarense.

Estatuira o concilio tridentino a fundação de seminarios diocesanos para a formação do clero.

As circumstancias da epocha fizeram já reconhecer áquella veneranda Assembleia, quanto urgia providenciar para que o sacerdocio correspondesse á altura da sua missão.

E a instituição dos seminarios foi considerada então como uma necessidade impreterivel para este effeito.

Os Prelados que assistiram ao Concilio, apenas reconduzidos ao local das suas dioceses, deram-se pressa em satisfazer as prescripções da Igreja a tal respeito.

E a diocese bracarense, governada n'esse tempo pelo sempre memoravel D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, foi com certeza das primeiras a trabalhar n'este proposito.

Data d'essa epocha, a todos os respeitos notavel, o seminario archidiocesano de S. Pedro, n'esta cidade de Braga.

Ao zelo incansavel, extraordinaria actividade, proverbial e singular abnegação do immortal Prelado é devida esta fundação, como tantas outras que ainda hoje illustram a Primaz das Hispanhas.

Pesadas que deviam ser todas essas obras para o bolso particular do immortal Arcebispo, que, da sua inexcedivel dedicação á Igreja, soube tirar todos os meios necessarios para as realizar, sem diminuir em nada os rasgos sublimes de sua caridade heroica!

Na linguagem muda d'esses edificios, que o orgulho do seculo despresa, Braga inteira ainda hoje admira e venera a grandesa d'alma do santo Arcebispo, que um dia se privou até da pobre enxerga do seu leito, para socorrer com ella uma orphã desamparada!

O seminario porém, obra por certo que sufficiente para aquelles tempos doirados, em que as congregações religiosas eram outros tantos viveiros d'eclesiasticos dignos, não preenchia actualmente as condições do fim a que era destinado.

As circumstancias hoje são muito outras.

Os Prelados, sem o valiosissimo auxilio das ordens regulares, tem que preparar por suas mãos todo o clero de que necessitam para o completo desempenho da sua missão pastoral.

E os seminarios tem que corresponder por força a esta necessidade, para que preencham o fim a que são destinados.

Não estava presentemente n'estes casos o seminario conciliar de S. Pedro.

Deixando de parte o achar-se situado n'um dos logares mais concorridos da cidade, e proximo a um quartel militar, o que sem duvida não é o mais a proposito para uma casa feita para a oração e estudo, a sua falta de accommodações, tornando-se porisso menos hygienica, e sobre tudo o não ter uma capella que merecesse este nome, tornavam-n'o realmente improprio para ser o viveiro dos novos sacerdotes.

Algumas obras de reconstrucção, feitas, ha poucos annos, se bem demonstraram a convicção que havia sobre taes inconvenientes, não os removeram, nem destruíram.

E o edificio precisava ser completamente substituido por outro, para que d'elle podessem colher-se os resultados precisos.

O emprehendimento era assaz grande e porisso exigia elle um animo com a força e intelligencia necessaria á sua realisacão.

Estava reservada esta gloria para o actual Primaz das Hispanhas, e digno successor de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa.

Devido ao incansavel zelo e inexcedivel dedicacão de Sua Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> terá Braga, dentro em pouco, um seminario nas condições exigidas pela mais vasta e mais antiga diocese de toda a Hispanha.

O edificio escolhido é o mais a proposito, não só pelas circumstancias especiaes que reune, mas tambem porque contribuirá a perpetuar a memoria do inelyto fundador do primeiro seminario, por ser obra igualmente sua.

O antigo collegio dos Jesuitas, construcção grandiosa, e que a impiedade dos tempos quasi havia condemnado a cair em ruinas, retomará de novo a sua passada gloria.

Ao visitar-se o segundo templo da Roma portugueza, já não sentirá o espirito aquelle desgosto que naturalmente o accommettia, quando contemplava o quasi abandono a que era votada tão sumptuosa igreja.

Os futuros aspirantes ao sacerdocio encontrarão em a nova casa o conforto exigido pelas continuas vigalias escolares. E quando, já consagrados a Deus, forem chamados ao pastoreamento das almas, acompanhados-aquelle magestosa e salutar idéa do culto catholico, que a pratica das grandes e pequenas solemnidades lhes vae agora creando n'alma.

Parabens pois á archidiocese bracarense.

E a nós que, como catholicos, devemos tambem interessar-nos por tudo quanto diga respeito ao futuro religioso de nossos filhos, sejamos licito beijar, de reconhecidos, as augustas mãos do nosso Prelado.

Dentro em poucos annos o novo seminario estará funcionando.

E o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. D. João Chrysostomo terá a mais uma brilhante pagina a immortalisar a historia do seu já glorioso pontificado.

*M. Marinho.*

## Discurso do Santo Padre aos prégadores da Quaresma.

Alegra-nos summamente achar-nos no meio d'estas duas selectas fileiras, que nos fazem corôa, a dos parochos d'esta nossa santa cidade, e a d'aquelles que na proxima quaresma deverão prégarem a palavra de Deus. Breves recommendações e breves palavras lhes dirigiremos.

Primeiramente a vós, dilectos parochos, recommendamos a instrução do povo. Bem sabeis que, sob os nossos proprios olhos, sem que possamos reparal-as, as coisas chegaram a ponto pela maldade dos tempos e dos homens, que se procura por todos os meios educar uma geração sem fé e sem moral, diremos tambem sem Deus! Por isso temos julgado chegada a occasião de traduzir em obras aquillo que desde o principio do nosso pontificado tem sido vivissimo desejo da nossa alma, isto é, ir em soccorro do povo, ampliando e até, se puder ser, instituindo novas escolas, onde ao povo seja dado o ensino religioso, que valha a preserval-o da corrupção. Não nos deixemos esmorecer com os obstaculos, nem com os sacrificios, nem com as despezas, e confiando na vossa cooperação, dilectos parochos, cujo ardente zelo conhecemos, nutrimos a firme confiança, que serão completamente coadjuvados os desejos do nosso paternal coração, e que unido aos parochos, o clero da nossa Roma não esquecerá a este respeito as suas gloriosas tradições.

A vós, pois, ó illustres prégadores da divina palavra, só temos uma recommendação a fazer-vos: seja o vosso cuidado que seja amado e conhecido do povo Jesus Christo e a sua Igreja. Procurae fazer conhecer a belleza da religião e as suas glorias. Combatei generosamente contra os vicios e mui principalmente contra aquelles que impedem o povo de amar e apreciar a religião de Christo e os beneficios por ella advindos á sociedade.

E, já que o jubileu que publicamos abraça o sagrado tempo da Quaresma, procurae fazer conhecer ao povo o inestimavel beneficio que com elle lhe concedeu a Igreja, afim de que se aproveite d'este tempo de misericordia para a salvação propria e da sociedade, que tanto necessita.

Penhor pois dos divinos favores, a vós, dilectos parochos e illustres prégadores da verdade, vos concedemos do intimo do coração a benção apostolica.

---

O venerando corpo de S. Francisco Xavier,  
em Gôa.

(Continuação).

«Certifico eu o doutor Ambrosio Ribeiro, provisor e vigario geral e administrador d'este bispado de Gôa e mais partes da India, pelo juramento do meu cargo, que é verdade que vae em nove annos, que vim a estas partes da India e sirvo os sobreditos cargos e em todo este tempo sei que o padre mestre Francisco até á sua morte andou n'estas partes continuamente prégando, doutrinando e ensinando as cousas da

nossa santa fé, assi aos Portuguezes como a todas as mais gentes de diversas nações da India em Molaca, Moluco, Amboino, Japão e em outros logares remotos por terras de infieis, onde converteu grande numero d'elles com sua doutrina, virtude e exemplo de vida; edificou egrejas e passou muitos trabalhos até sua morte; e depois d'ella veio seu corpo a esta cidade de Gôa, onde foi recebido com muita solemnidade acompanhado de toda a cleresia, e com grande concurso de gente foi levado ao collegio de S. Paulo, onde ao presente está.

«E por se afirmar que o corpo vinha inteiro, e parecer cousa sobrenatural, havendo tanto tempo que fallecera, estando onze mezes sepultado, tres na China, e oito em Malaca, segundo a informação; que na verdade d'isso tomei; e o snr. visor-rei que então era D. Affonso de Noronha, me mandar tambem que o fosse vêr, para lhe dar relação d'isso, o fui vêr ao dito collegio e dizendo ao padre reitor d'elle m'o mandasse mostrar, se accenderam duas velas, e se abriu a caixa, em que estava na capella-mór do dito collegio ás nove ou dez horas do dia, em que vimos o dito corpo por muito espaço, pondo as mãos nas pernas, correndo até os joelhos, e pelos braços, e vendo, e tocando a maior parte do corpo me affirmo estar a carne coberta com toda a sua côr por cima, e intelro sem corrupção, e a carne com substancia, e humidade pela maior parte do corpo: na perna esquerda acima do joelho uma mão travessa da banda de fóra tinha como cortado da maneira de uma ferida de comprimento de um dedo, que parecia ser quebradura de golpe de alguma cousa, que lhe deu na perna, e ao redor da ferida se mostrava uma nodoa, que manifestamente parecia ser de sangue já preto como cousa de muito tempo; na barriga da banda esquerda tinha um buraco pequeno, que tambem parecia quebradura, por onde meti os dedos até ao cabo, que achei vão, e dentro toquei em uns pedaços de cousas pequenas, que a meu ver pareciam dos intestinos, que estariam secos pelo muito tempo, que estava sepultado, e nenhuma corrupção senti, nem achei no dito corpo, pondo o meu rosto com elle muito chegado: Debaxo do pescoço trazia uma almofadinha pequena de damasco da China, da qual a maior parte, onde o pescoço estava, vinha passada de uma nodoa, que parecia ser de sangue, da maneira que mostrava o que trazia na perna, mas de uma côr preta já gastada. E pol-o assim vermos da maneira sobredita na verdade pelo juramento do cargo, que recebi, mandei ao escrivão do meu cargo, que o escrevesse assi, e eu assignei de minha mão ao primeiro de dezembro de mil quinhentos e cincoenta e seis». (Padre Lucena, cap. XXIX pag. 902).

E' para notar que os doutores Saraiva e Ribeiro, no exame que fizeram ao corpo do santo com intervallo apenas de 12 dias, nem concordam no local certo da chaga que dizem ter visto do lado esquerdo, nem no que encontraram no corpo, introduzindo os dedos por ella.

«Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1782, ao 1.º do mez de janeiro, na cidade de Goa, no convento e egreja do Bom Jesus, na capella, onde se acha o tumulo do corpo de S. Francisco Xavier, onde vieram o ill.<sup>mo</sup> e exc.<sup>mo</sup> snr. D. Frederico Guilherme de Sousa, governador e capitão general do estado e o exc.<sup>mo</sup> e reverendissimo snr. D. fr. Manoel de Santa Catharina, bispo de Cochim adminis-

trador d'este arcebisado, e o intendente geral da marinha, D. Lopo José de Almeida, em execução da ordem de sua magestade, que manda se vejam o corpo e reliquias do mesmo santo, para se saber o estado em que se acha.

«E logo com as chaves que tinham s. exc.<sup>a</sup> e o dito intendente se abriu o cofre em que está o corpo do dito santo, e se achou vestido de vestimentas sacerdotaes; que tem a cabeça inteira com bastantes cabellos no casco, que sensivelmente se acham; que tem o rosto com todas as feições carcomido, mas coberto de pelle, exceptuando a parte direita, que tem uma pequena confusão; que tem ambas as orelhas e todos os dentes visiveis, e sómente lhe falta um; que tem o braço esquerdo com a mão inteira coberta de pelle carcomida; que lhe falta o braço direito e se diz por tradição que sôra para Roma, no tempo que existiam os padres da companhia de Jesus, e tinha o mais corpo, em que sómente lhe faltavam os intestinos, como o apalpou s. exc.<sup>a</sup> revd.<sup>ma</sup> tocando com a mão o corpo por baixo das vestimentas; que tem as pernas cobertas de pelle reseçada; que tinha os pés nús cobertos de pelle, divisando se-lhe as veias com as unhas nos dedos, e lhe falta sómente um dedo no pé direito, que lhe foi tirado por devoção de uma pessoa devota, e se acha em casa do dito intendente geral, como elle attestou.

(Continua).

---

## EXPEDIENTE

Avisamos os estimaveis assignantes d'esta folha de que toda a correspondencia concernente á Redacção deve ser dirigida ao seu Director Padre João Rebello Cardoso de Menezes, Seminario Conciliar; e toda a que for concernente á administração deve ser dirigida ao seu administrador Antonio Joaquim de Mesquita Pimentel, director e administrador do «Commercio do Minho», rua Nova n.<sup>o</sup> 4.

Esperamos que esta advertencia, seja, como é mister, tomada em consideração por todos os assignantes, para a boa regularidade do serviço.

---

## ANNUNCIOS

---

### CONVERSAS SOBRE O PROTESTANTISMO HODIERNO

por Monsr. Ségur

Traducção do Padre Senna Freitas.

E' obra excellente, recommendamol-a.

Preço. . . . . 200 reis.